

A MEMÓRIA DO SONHO DE SER PROFESSOR

MAURÍCIO SIGNORINI DIAS¹; LETÍCIA FONSECA RICHTOFEN DE FREITAS²

¹Universidade Federal de Pelotas PROBIC/FAPERGS – mauricio.ufpel@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – leticia.freitas@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo uma análise das narrativas escritas de alunos do curso de Licenciatura em Letras acerca da memória do sonho profissional, no caso, o de ser professor. Essas narrativas mostram problemas enfrentados durante toda vida, conflitos e frustrações que tiveram ao entrar no curso. Acima de tudo o sonho que, por algumas vezes é trazido da infância, permanece fixo na memória. O presente estudo está situado no âmbito dos Estudos Culturais e de posicionamentos identitários (SILVA, 2000; HALL, 2000; WOODWARD, 2000), em sua articulação com uma perspectiva transgressiva da Linguística Aplicada (PENNYCOOK, 2006). Foi a partir da virada linguística que esses diferentes campos teóricos foram articulados, configurando este um estudo situado nas fronteiras epistemológicas. Com base no pressuposto de que a linguagem tem o papel constituidor dos problemas vinculados à vida social, relaciona-se a Linguística Aplicada com teorias sociais, autobiográficas e memorialísticas, como em MOITA LOPES (2006), FABRÍCIO (2006), KUMARAVADIVELU (2006), PENNYCOOK (2006) e POLLAK (1992). Nesse sentido, o presente trabalho chama atenção para a relevância das narrativas, em que histórias de vida pessoal e social são contadas num processo contínuo de narrar. Nelas encontram-se biografias, relatos, e fragmentos da memória que contribuem para as formações identitárias, uma vez que as narrativas, além de estruturarem os discursos na vida social, são o processo pelo qual os sujeitos constroem suas identidades (MOITA LOPES, 2001). Em relação à memória, POLLAK (1992) afirma que ela deve ser compreendida como um fenômeno tanto individual quanto coletivo que está sujeito a transformações e mudanças constantes, assim como as identidades. De acordo com HALL (1997), nossas identidades estão em mudanças constantes. O referido autor aponta, também, para uma descentralização do sujeito, sendo ele heterogêneo e multifacetado.

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa é uma análise qualitativa de sete narrativas escritas de alunos do curso de Letras da Universidade Federal de Pelotas, coletadas em disciplinas da área do ensino. Na atividade que deu origem aos dados coletados, a escrita de memoriais, cada aluno deveria narrar sobre suas memórias acerca da escolha profissional, a partir de três enunciados: *Memorial 1: Narre sua trajetória de vida que o levou a sua escolha profissional, e que culminou com sua entrada na Universidade no curso de Letras detalhando tudo que considere significativo e importante. Memorial 2: Para dar continuidade a sua história, narre cenas significativas de sua vida escolar em que se destacam como se desenvolveu o processo de ensino durante esse período. Memorial 3: Quais são as lembranças a respeito de*

avaliações durante a vida escolar? Se possível narre sobre algum fato marcante com você ou algum colega sobre esse tema. Essas narrativas fazem parte de um banco de dados do grupo de pesquisas Linguagem, Narrativas e Identidades no Contexto de Formação e Atuação de Professores de Línguas, coordenado pela professora Dra. Letícia Fonseca Richtofen de Freitas. No presente estudo, as narrativas estão numeradas em ordem crescente, de 1 a 7. A colaboração para a pesquisa não foi obrigatória, logo, é importante frisar que todos os participantes assinaram um termo de consentimento informado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

MOITA LOPES (2006) sugere que se deve fazer Linguística Aplicada (doravante LA) a partir de novos métodos e teorias. Segundo ele, é preciso incorporar teorizações das ciências sociais que sejam relevantes e que tenham implicações para o modo de pensar a LA. Desse modo, quando dois campos teóricos são utilizados, o trabalho se situa numa fronteira epistemológica. O autor também aponta um novo sujeito para a LA. Diferente da forma tradicional, esse novo modo de fazê-la vê esse sujeito de forma diferente: ele seria heterogêneo e constituído em discursos - visão socioconstrucionista da linguagem.

Em relação a essa nova maneira de se fazer LA, destaca-se a importância da virada linguística, um importante pressuposto teórico da LA Transdisciplinar. FABRÍCIO (2006) aponta três questões importantes a respeito da virada linguística. Segundo ela, a linguagem é uma prática social que traz implícita a sociedade e a cultura, sendo constituidora e constituinte. Nossas ações discursivas não são neutras, mas estão atreladas a relações de poder. Por último, ela aponta que existem múltiplos sistemas semióticos que são relevantes na construção de sentidos. Ainda sobre a questão da virada linguística, PENNYCOOK (2006) argumenta acerca de uma linguística aplicada transgressiva, em que se deve criar novas alternativas de politização da vida, tematizando questões atuais. Deve-se transgredir as fronteiras que separam diferentes disciplinas, problematizando até mesmo o próprio conhecimento.

Uma ligação entre estes argumentos com os Estudos Culturais é que, a partir da virada linguística, tendo-se a linguagem como fator determinante relacionado aos problemas da vida social, autores como WOODWARD (2000), SILVA (2000) e HALL (2000) criticam a maneira moderna que via o sujeito como auto-suficiente e centrado. HALL (1997) ressalta que nossas identidades estão em declínio. Ele aponta para uma descentralização do sujeito, sendo este heterogêneo, multifacetado, instável, fragmentado e de natureza contraditória. SILVA (2000) afirma que nossas identidades se transformam continuamente, visão que também se contrapõem ao modo moderno que via o sujeito como unificado e homogêneo.

Todos contamos histórias em um ato contínuo de narrar e, com isso, tomamos diferentes posicionamentos de sujeito. Segundo MOITA LOPES (2001), é através de nossas narrativas de vida que construímos nossas identidades perante os outros e à vida. Muitas vezes, ao narrarmos, buscamos na nossa memória por fragmentos ou pontos importantes que nos marcaram de tal forma que nunca esquecemos (POLLAK, 1992). Portanto, é possível afirmar que tais pontos e lembranças encontrados na memória são importantes para a formação das nossas

identidades. Esses pontos, enfatizados pelo autor, ainda podem ser influentes em decisões do presente.

A análise das narrativas coletadas para este trabalho revela marcas profundas que os sujeitos adquiriram no tempo de escola e que nunca esqueceram. Elas mostram a importância do ambiente escolar, das relações interpessoais e seus reflexos, tanto positivos quanto negativos, na vida dos alunos, como fica claro no trecho a seguir: *“Durante o período escolar, tive inúmeras cenas que me marcaram...as vezes que sofri bullying...privei-me de ser eu mesmo, por medo...este sentimento acarretou muitos problemas que aos poucos tenho me libertado”* (Informante nº 6). Em relação a esse excerto, um outro informante ressalta que: *“a escola que me marcou foi o Instituto de menores...onde estudei em 1974...meus pais trabalhavam o dia todo, e eu tinha de ficar, a tarde no instituto...trabalhando, e nesta época o trabalho era manual e pesado”* (Informante nº 3).

As narrativas mostram também que o sonho profissional é, muitas vezes, trazido desde os tempos de criança, e que este sonho mostra-se permanente na vida de algumas pessoas. Em relação a isso tem-se o excerto: *“Sempre sonhei em fazer uma faculdade, principalmente Letras...Mas a vida, às vezes retarda um pouco nossos sonhos. Vou realizar meu sonho de adolescente aos 39 anos. Acredito que nunca é tarde para estudar”* (Informante nº 1). Há ainda um sujeito que teve frustrações ao ingressar no curso de Letras, mas pelo seu sonho antigo decidiu permanecer. Ele comenta: *“Desde muito pequena gostava de brincar de “escolinha”. O único sonho que prevaleceu foi o de ser professor. No entanto, algumas expectativas foram frustradas, por diversos motivos...mesmo assim pretendo concluir minha graduação; pois apesar de alguns maus exemplos, os bons professores ainda são a maioria”* (Informante nº 2).

Por outro lado, há aquele que não pensava em ser professor, no entanto, revela recordações que podem tê-lo influenciado para tal escolha: *“Como sempre tirei notas boas em português e literatura... resolvi, ainda não sei bem o porquê, escolher o curso de letras. Nunca tive o sonho de ser professora... mas acho que fiz a escolha certa”* (Informante nº 5).

4. CONCLUSÕES

As narrativas mostram que esses sujeitos constroem suas identidades, buscando, muitas vezes, referências na memória. A perseverança na busca por seus sonhos revela o quanto tais pontos permaneceram fixados na memória, sendo uma influência importante na sua escolha profissional. Mesmo que tenham enfrentado inúmeros problemas e, muitos anos tenham se passado, das lembranças emergem motivos para a escolha da profissão. Outras lembranças, como a de seus professores e de suas avaliações escolares, são, também, pontos que marcaram profundamente a memória destes alunos. Eles, algumas vezes, revelam-se inspirar em tais pessoas tidas como modelo de como ser ou não ser no futuro. Logo, percebe-se a importância de um modelo profissional a ser seguido. Por outro lado, um informante que não tinha o sonho de ser professor declara sentir-se no caminho certo. Outro informante também comenta trazer esse sonho desde sua infância, no entanto, ao ingressar no curso frustrou-se um pouco, mas seu desejo ainda é mais forte e, por isso, decidiu permanecer. Para esta pesquisa de caráter qualitativo, os

resultados em relação à memória e identidade apontam para os argumentos dos autores estudados.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”: Redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.45-65.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997. 102p. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro.

HALL, S. Quem Precisa de Identidade? In: SILVA, T, T. da. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P.103-133.

KUMARAVADIVELU, B. A Linguística Aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo – Parábola Editorial, 2006. p.129-147.

MOITA LOPES, L. P. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo – Parábola Editorial, 2006. p.85-107

_____. Práticas narrativas como espaço de construção das identidades sociais: uma abordagem socioconstrucionista. In: RIBEIRO, T. B.; LIMA, C. C.; LOPES, M. T. D. (Org.) **Narrativa, identidade e clínica**. Rio de Janeiro: Edições IPUB/CUCA, 2001. p.55-71.

PENNYCOOK, A. Uma Linguística Aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p.67-84.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992. P. 200-212. Tradução e transcrição: Monique Augras. Edição de Dora Rocha.

SILVA, T, T. da. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

WOODWARD, K. Identidade e Diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T, T. da. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. P.7-72